



INTER  
FACES  
CIENTÍFICAS

EDUCAÇÃO

ISSN IMPRESSO 2316-333X

ISSN ELETRÔNICO 2316-3828

---

## REPENSANDO AS APRENDIZAGENS – UM ESTUDO A PARTIR DE LAJONQUIÈRE

---

Elaine Flávia Marian<sup>I</sup>  
Reguila Krüger Cunha<sup>II</sup>

Melissa Probst<sup>III</sup>

### RESUMO

Quando abordada a temática “aprendizagens”, são diversas as pesquisas e teorias que discutem a respeito do tema. Atualmente, as discussões giram em torno do repensar os processos, sejam processos de ensino ou de aprendizagem, de modo a melhor compreender a realidade educacional em que a escola se encontra inserida no atual contexto. Acredita-se que repensar os processos de aprendizagem e discutir sobre as principais teorias, rumos e desafios no âmbito desse assunto é fundamental. Este estudo foi realizado com base em atividade interdisciplinar do curso de licenciatura em Pedagogia da Uniasselvi. Nesse âmbito, elencaram-se os textos de Leandro de Lajonquière, por acreditar que estes possam auxiliar numa discussão crítica das principais teorias existentes no sentido de repensar as aprendizagens. A motivação para a realização desse estudo parte da percepção da existência de preconceitos existentes no âmbito educacional acerca do tema aprendizagem, bem como do

fato de aparecer nos discursos pedagógicos (escolares) uma suposta individualidade e subjetividade que resultariam num respeito ao ritmo individual que na prática nem sempre ocorre. De cunho bibliográfico, este estudo é baseado na análise, leitura e releitura dos textos do autor em questão, com vistas a refletir sobre maneiras para superar problemas de aprendizagem na educação escolar. De antemão, sabe-se da não existência de fórmulas miraculosas capazes de sanar totalmente tais dificuldades, no entanto, a partir do estudo realizado percebe-se que, mesmo que os problemas de aprendizagem não deixem de existir, existem discussões na direção da superação dos desafios educacionais.

### PALAVRAS-CHAVE

Lajonquière. Aprendizagem. Desafio.

## ABSTRACT

When approached the thematic learning, there are various theories and researches that discuss about the topic. Currently, the discussions revolve around rethink the processes are processes of teaching or learning in order to better understand the educational reality in which the school is embedded in the current context. It is believed that rethink learning processes and discuss about the major theories, directions and challenges in the context of this issue is fundamental. This study was conducted based on the activity interdisciplinary undergraduate course in Pedagogy of UNIASSELVI. In this context, listed out the texts of Lajonquière Leandro, believing that they can assist in a critical discussion of the main existing theories in order to rethink the learning. The motivation to conduct this study part of the perception of the existence of prejudices existing in the educational scope about the learning subject, as well as the fact appear in pedagogical discourses (school) a supposed individuality and subjectivity that would result in a respect to individual pace does not always happen in practice. Of bibliographical nature, this study is based on analysis, reading and rereading of texts of the author in question, in order to reflect on ways to overcome learning problems in school education. Beforehand, it is known that there are no miraculous formulas able to completely solve such difficulties, however, from the study undertaken, realizes that even learning problems no longer exist. There are discussions in the direction of overcoming educational challenges.

## KEYWORDS

Lajonquière. Learning. Educational Challenges.

## RESUMEN

Cuando uno aborda el tema “aprendizaje”, son diversas las teorías e investigaciones que tratan sobre el mismo. En la actualidad, los debates giran en torno a repensar los procesos, sean de enseñanza o de aprendizaje, con el fin de comprender mejor la realidad educativa en la que se incluye la escuela en el contexto actual. Se cree que repensar los procesos de aprendizaje y discutir sobre las principales teorías, los rumbos y desafíos en esta materia es esencial. Este estudio se realizó sobre la actividad interdisciplinaria de la Facultad de Pedagogía de UNIASSELVI. En este contexto, se eligieron los textos de Lajonquière, Leandro, por creer que ellos puedan ayudar en una discusión crítica de las principales teorías existentes con fin de repensar los aprendizajes. La motivación para realizar este estudio parte de la percepción de la existencia de prejuicios ya existentes dentro de la educación sobre el tema “aprendizaje”, así como del hecho que se intente demostrar en los discursos pedagógicos (Escolares) una supuesta individualidad y subjetividad que resultarían en un respecto al ritmo individual, cosa que en la práctica ni siempre ocurre. La metodología para este estudio se define como revisión de la literatura. Este estudio se basa en el análisis, la lectura y la relectura de los textos del autor de que se trata, con el fin de reflexionar sobre maneras de superar los problemas de aprendizaje en la educación escolar. De antemano, se sabe que no hay fórmulas milagrosas capaces de solucionar plenamente estas dificultades, sin embargo, a partir de este estudio se nota que, aunque los problemas de aprendizaje no dejen de existir, se debate en la dirección de la superación de los desafíos educacionales.

## PALABRAS CLAVE

Lajonquiere. Aprendizaje. Desafíos Educativos.

## 1 INTRODUÇÃO

Todos somos geniais. Mas se você julgar um peixe pela sua habilidade de escalar uma árvore, ele viverá toda a sua vida acreditando que é estúpido. (ALBERT EINSTEIN)

Em um de seus escritos, Lajonquière (2008) lembra-nos de que muitas vezes dizemos (ou pensamos) que as crianças da atualidade são diferentes, mais inteligentes e sagazes do que as crianças do passado, de antigamente. E, no que diz respeito à educação escolar, são muitas as teorias a partir das quais é possível pensar a aprendizagem dessa criança no atual cenário escolar.

Nesse contexto, o presente artigo, que é resultado de estudos realizados no sexto período do curso de Pedagogia, procura refletir sobre essas teorias acerca da aprendizagem. Para tanto, tomam-se os escritos de Leandro de Lajonquière como base teórica a partir da qual se realiza a reflexão, não descartando outros autores que possam contribuir para essa discussão. A motivação para tal estudo surge a partir de discussões realizadas ao longo do curso, nas quais se percebeu que determinadas práticas de educação escolar acabam por provocar bloqueios, empecilhos ou mesmo limitando o processo de construção de conhecimentos pelas crianças.

Um dos aspectos aqui considerados é a existência de preconceitos existentes no âmbito educacional, ao se tratar do tema aprendizagem. Esse aspecto é considerado primeiramente por se perceber que ainda no atual contexto, muitos pais e profissionais da educação acreditam na existência de fórmulas mágicas, capazes de fazer com que as crianças aprendam o que lhes é “ensinado”. E se, por vezes, não ocorre a aprendizagem do modo esperado, é possível que tais crianças sejam estigmatizadas, rotuladas por sua dita não capacidade de aprender tal qual as demais, ou não aprender no mesmo ritmo das outras, sendo vistas então como atrasadas, dotadas de alguma dificuldade de aprendizagem.

[...] Não por acaso, nesse mesmo momento, deixa de dirigir-se aos outros – ao Outro – como uma “criança com nome e sobrenome” e passa a vagar com uma etiqueta pendurada em que se anotam todas as “suas necessidades” mais ou menos especiais ou gostos e interesses dignos de outro mundo. Corre, então, o risco de ficar à mercê da corrente, sem muito rumo, poética e graça. Em suma, corre o risco de ficar à margem ou largada à deriva. (LAJONQUIÈRE, 2009, p 171)

Do conjunto de coisas ditas e feitas, bem como das não ditas e não feitas, porém pensadas ou fantasiadas pelos educadores de hoje, detenhamo-nos numa em especial, qual seja: a lamentação sistemática de que a prática pedagógica revela-se, ao final de contas, não sendo suficientemente eficaz devido à impotência do método de ensino utilizado ou às incapacidades, mais ou menos psicológicas, da “clientela escolar”. (LAJONQUIÈRE, 1998, p. 92)

Outro aspecto aqui considerado intrigante é o fato de que nos discursos professados pelos corredores escolares defende-se a individualidade e a subjetividade, mas na prática esses mesmos que difundem tais discursos se esquecem de que cada indivíduo é peculiar em sua existência e, portanto não poderiam ser classificados por padrões ou critérios pré-estabelecidos. Além disso, existem concepções pedagógicas que reforçam tais padrões / critérios, o que leva diversos profissionais da educação a pressupor que é possível medir / calcular o conhecimento e capacidade intelectual infantil, e que a partir disso seja possível controlar sua aprendizagem e comportamento.

Sabendo que o desenvolvimento (intelectual, afetivo, motor) de uma criança é muito complexo, não se objetiva, nesse estudo, identificar soluções para os chamados problemas de aprendizagem, mas sim reflexões sobre a criança e seus modos de interagir com / no mundo que a cerca, as relações que estabelece consigo mesma e com os outros, construindo conhe-

cimentos e significações. Desse modo, defende-se a ideia de que ninguém constrói um aprendizado realmente significativo pela repetição de uma série de

exercícios pré-elaborados, lembrando que o desenvolvimento cognitivo não pode ser controlado conforme os desejos do educador.

## 2 DAS TEORIAS DA APRENDIZAGEM NO CONTEXTO ESCOLAR

Pode-se dizer que uma das polêmicas ainda vivas na atualidade, entre os educadores (e também pais) ainda é a busca pelo entendimento de como a criança aprende e qual o melhor método para a chamada aprendizagem significativa. E, no decorrer da história não foram poucos os pesquisadores a tratar dessa questão. Sabe-se que há diversas teorias que abordam o assunto, entretanto ainda permanecemos na busca incessante pela tão almejada solução dos problemas relacionados à aprendizagem.

Muitas vezes percebe-se que essa busca, por parte dos educadores é de uma fórmula mágica, capaz de fazer com que todas as crianças que frequentam o espaço escolar aprendam aquilo que deveriam. Ou seja, ainda os educadores estão à procura da melhor tendência pedagógica, dos melhores recursos e técnicas de ensino, do melhor jeito de estruturar o currículo. E ainda assim, muitas vezes frustram-se porque algumas crianças não aprendem. E, por conta disto, muitas vezes “o saber não sabido, depositado na conta da criança, faz dela um estrangeiro de quem queremos escutar suas histórias de outro mundo”(LAJONQUIÈRE, 2009, p. 170), ou seja, a criança é tratada como anormal, porque é julgada por aquilo que ela não sabe, mas alguém crê que ela deveria saber. E dessa forma essa infância é tornada uma fase de desqualificação, de menoridade, em que a intervenção do adulto (profissional da pedagogia ou psicopedagogia) torna-se imprescindível para que essa criança atinja sua estabilidade, sua maturidade.

Talvez tal fato esteja fundamentado na tradição das conhecidas “teorias da aprendizagem”, a partir das quais se acabou por pressupor que seria possível controlar o comportamento da criança, como se todas fossem iguais e pudessem ter seus pensamentos e sentimentos controlados. Isso ocorre, segundo Lajonquière (1996a, p. 13)

[...] na medida em que a pedagogia teima em pensar-se a si mesma como a ‘ciência dos meios e fins da educação’, não pode abrir mão dos modelos explicativos da aprendizagem que a tradição behaviorista-reflexológica [...] produz desde a época de seus pioneiros, Watson e Pavlov [...].

Essas ideias da tradição behaviorista-reflexológica, que tanto influenciam a educação escolar, são baseadas na associação do estímulo e resposta, teoria em que, de acordo com Lajonquière (1996a, p. 14), “[...] o conhecimento não é mais do que o acúmulo de condutas estáveis, resultado de um jogo de inter-relações E-R, sobre o qual se pode intervir diretamente e à vontade [...]”.

Acredita-se que essa e outras teorias pedagógicas modernas que permeiam o contexto escolar acabam por alimentar nos educadores, ainda atualmente, a ilusão de que seja realmente possível calcular os efeitos dos métodos que serão utilizados, e a partir desse conhecimento interferir positivamente sobre a criança, controlando sua capacidade de aprendizagem. Percebe-se então a idealização de que todos os indivíduos sejam previsíveis.

Os discursos e práticas escolares são também influenciados pelas psicologias do desenvolvimento, que podem, como lembra Lajonquière (1996a) ser classificadas em monádicas e diádicas. Por um lado, as monádicas pressupõe que os indivíduos são dotados de suas potencialidades desde a sua origem, desenvolvendo-se, portanto de forma natural e conforme maturação intelectual, afetiva e neurológica. Destaca-se que tal teoria reconhece a importância dos estímulos do meio ambiente para a maturação e desenvolvimento de tais potencialidades. Já as diádicas enfatizam a inter-relação entre os indivíduos e o meio social como duas entidades que se complementariam.

Apenas lembrando, a Psicologia acerca, no âmbito de seus estudos, a aprendizagem humana, buscando compreender os fatores que fazem com que essa espécie aprenda, ou seja, quais os fatores que levam os seres humanos a apresentar comportamentos racionais, que antes (do suposto aprendido) não apresentavam. Essa ciência faz esse estudo tomando como ponto de vista o psicológico, levando em consideração que a aprendizagem é algo comum aos seres capazes de pensar / raciocinar.

Acredita-se que quando a ênfase do fazer pedagógico recai sobre tais teorias, reforça-se o paradigma evolucionista da criança e o caráter normativo da pedagogia. Nessa concepção, passa-se a enquadrar as crianças a partir de critérios fixados a priori de evolução cognitiva e aptidões específicas, classificando-as em série-idade, mas também pelas etapas do seu desenvolvimento.

[...] pensa-se que os adultos devemos convencer as crianças com argumentos racionais da necessidade de aprender coisas de adultos. Os adultos se convertem em velhos explicadores de necessidades diversas. Dessa forma, a escola não só perde sua graça e as crianças se entediam, senão que também elas - como qualquer de nós - passam a renegar, como podem, a obrigação de ser, precisamente aí, em que uma norma psicológica os supõe ser (LAJONQUIÈRE, 2005, p. 10).

Diante disso é compreensível a existência das dúvidas e anseios por parte dos profissionais da educação, uma vez que, na prática pedagógica se deparam com alguns dilemas que os levam a pensar que devem decidir inicialmente, a partir dos indícios dados, se a criança tem ou não algum dito problema, e a partir de então classificar esse problema como sendo de desenvolvimento ou de aprendizagem. É possível ainda a constatação de algum problema físico (audição, visão, etc.) e este ser confundido com os problemas de aprendizagem/desenvolvimento. E, muitas vezes, na ânsia pela solução dos ditos problemas, acabam por, de maneira sutil, mas taxativa, rotulando a criança por suas dificuldades em desenvolver determinados tipos de tarefas / atividades em sala de aula.

Conforme Lajonquière (2002), as demandas educativas consideradas normais nesse modelo educativo, pressupõe que a criança seja um sujeito capaz de aprender as coisas (ou pelo menos parte delas) que lhe são colocadas no momento do ensinar. Por vezes, porém, essa demanda se revela desproporcional, e aquilo que deveria ser a possibilidade de produção de conhecimentos (aprendizagem) torna-se o que Lajonquière (2002) chama de a encarnação dos ideais de Schreber<sup>1</sup>.

Desse modo, acredita-se que na medida em que essas teorias desenvolvimentistas / evolutivas / normativas tomam corpo no fazer pedagógico, torna-se senso comum segmentar, classificar e ordenar as crianças inseridas no espaço escolar, estipulando de antemão as suas possibilidades e potencialidades de vir-a-ser no mundo e com o mundo. Lajonquière (2005), nesse sentido, afirma ser uma ilusão pedagógica o fato de a escola, bem como professores querer levar as crianças por um suposto caminho do desenvolvimento psicológico dito normal.

---

1 Schreber é, segundo Lajonquière (2002) um médico ortopedista do século XIX, que se tornou referência no mundo educativo, na Alemanha. A criança era, em seu conceito, má por natureza e por conta disso deve aprender a arte de renunciar. Para tanto, caberia ao adulto adquirir o domínio sobre as iniciativas e sobre o corpo da criança.

Intriga-nos, porém, o fato de que nesse ideal educativo em que há uma única verdade pré-estabelecida acerca do desenvolvimento normal a criança possa, ao invés de desenvolver suas potencialidades, tornar-se vítima, conforme Lajonquière (2002, p. 23-24) “[...] de um certo *“trator pedagógico”* que pode condená-las à inibição intelectual ou à repetição ecológica de conteúdos escolares”. Restam, então, algumas dúvidas a respeito de que tais teorias possuem realmente as respostas às perguntas feitas (por pais e educadores) a respeito das dificuldades encontradas por algumas crianças em responder positivamente ao que dela é exigido no cotidiano escolar.

### 3 ENTRE O CONHECIMENTO E O SABER

Lajonquière (1996a) apresenta como exemplo para discutir a questão das aprendizagens, o estudo de um caso clínico que ele chama de “caso Alícia”. Destaca-se que esse é o estudo de um caso apenas, e é tratado por Lajonquière como um caso individual, sem que dele (ou a partir dele) se queira estabelecer uma teoria universal. O “caso Alícia” aponta para a questão da repetição dos erros. Por vezes acabava-se repetindo um erro mecânico por, supostamente, pensar-se não ser capaz de aprender algo quando, na verdade, a chave para a aprendizagem está na própria consciência.

Alícia era, segundo esse estudo, uma menina considerada tonta, tanto pela mãe quanto pela escola – relações que acabaram por fazer com que ela mesma se visse como tal: uma menina tonta. Segundo Lajonquière (1996a) a menina Alícia errava de forma rotineira, mas, a partir das sessões de atividades que com ela foram desenvolvidas, aos poucos ela percebeu-se como uma pessoa capaz de aprender. O fato de ela pensar / acreditar que fosse realmente tonta fazia com que ela persistisse nos erros, acredi-

Nesse sentido, podemos afirmar que enquanto, antes, as pedagogias tencionavam a educação escolar para a consecução de um ideal humano, agora, a (psico)pedagogia visa o encontro no real de uma lógica natural. Obviamente, tanto uma quanto a outra empreitada acabam tornando-se impossíveis. [...] De fato, pretender transformar o real infantil num ideal adulto inocula o desejo na criança. Ao contrário, ajustar-se a um real, com vistas a encontrar nele a porta de entrada para o topus Urano, acarreta a recusa do desejo. Mais ainda, a primeira empresa está – como a história da educação o assinala – sujeita ao risco de virar terrorismo pedagógico. Porém a outra está tomada por um fracasso anunciado. (LAJONQUIÈRE, 2002, p. 72)

tando que não seria capaz de resolvê-los. A partir de uma atividade realizada com fichas pretas e brancas, ela percebeu que se uma coisa parece ser mas não é, então, ela parecia ser tonta, mas não era.

Alicia acabava de afirmar a permanência da quantidade, porta de entrada à lógica matemática e a outras questões, mas o efeito desse saber não ficou só limitado a determinados conhecimentos como também sacudiu uma convicção ‘sou tonta’, torando possível então o sucesso em outras aprendizagens (não só porque agora havia uma estrutura de conhecimento capaz de processá-las como também agora Alicia era alguém capaz de querer saber). (LAJONQUIÈRE, 1996a, p. 24)

Lajonquière (1996a, p. 26), sobre isso, lembra que “[...] o conhecimento é efeito da inteligência que o produz a seu modo [...]”. A partir disso percebe-se que a questão da aprendizagem é realmente subjetiva, e que cada criança faz isso a seu próprio modo, sendo, dessa maneira, impossível criar padrões de aprendizagem e desenvolvimento. Então, para Lajonquière (1996a), o que se interpõe entre o estímulo e a resposta são a inteligência e o desejo inconsciente.

Interpretações da conduta das crianças em sala de aula são fatos corriqueiros para os profissionais da educação, e, essas interpretações costumam estar baseadas em teorias que identificam /classificam a conduta infantil em períodos evolutivos de desenvolvimento. Uma teoria comumente utilizada é a de Piaget, porém a ênfase que lhe é dada centra-se nos três períodos evolutivos no desenvolvimento cognitivo: o sensório-motor, as estruturas operatórias concretas e as operações formais. E assim, equivocadamente, acaba-se por esquecer que a criança faz parte de um contexto maior, ou seja, faz parte de um complexo social, histórico e cultural, uma pessoa que interage com a história do seu tempo, e não apenas um conjunto de dados teóricos acerca de seu comportamento.

Quando numa escola encaminha-se um aluno para avaliação psicológica em razão de sua indisciplina<sup>2</sup>, espera-se de boa fé que assim se possa obter alguma informação útil sobre as causas do episódio. Isso parece, em princípio, tão possível quanto pertinente. Entretanto, o consabido desenrolar da história, ao qual esse gesto dá início, já deveria ser suficiente para que alguns profissionais tivessem começado a desconfiar de empresa semelhante. De fato, a informação recebida revela-se sempre insuficiente, pois vir a saber que há supostamente em causa uma falta de ‘maturação cognitiva’, ou um leque variado de situações mais ou menos ‘traumáticas’ não diz muito sobre o caráter singular do acontecimento. [...] (LAJONQUIÈRE, 1996b, p. 27)

Desse modo, conforme Lajonquière (1996a, p. 32), a aprendizagem passou a ser tratada como “[...] uma mera descrição fenomenológica da conduta cognitiva e, portanto, tratada como se a partir dela se pudesse construir uma nova escala de medição e discriminação. [...]”.

Acredita-se que no campo da pedagogia e da psi-

copedagogia, os estudos psicogenéticos de Piaget muitas vezes são interpretados de formas diversas inclusive, por vezes, equivocadamente. Assim, muitos profissionais da educação acabam por querer “medir” e então selecionar as crianças conforme seus períodos evolutivos (desenvolvimento cognitivo), discriminando-as, na ilusão de que solucionarão os seus problemas.

Na crença cega em tais princípios, alguns educadores pensam ser possível programar (ou reprogramar) a criança no que diz respeito às suas possibilidades de construção do conhecimento. De acordo com Lajonquière (1996a, p.33), alguns profissionais da educação acabam

[...] por reduzir o construtivismo piagetiano a um mero e burdo pré-formismo psicológico. Esses profissionais costumam confundir o atributo endógeno com o qual Piaget qualificou o processo de construção da competência lógico-pragmática do sujeito com o fato de que essa última nunca deixa de construir-se em respostas às exigências das necessidades ‘da vida social e das formas de atuar sobre o mundo’[...].

As aprendizagens não se dão na medição do nível estrutural do conhecimento e nem na passagem de um dito nível para outro, mas sim num processo complexo,

[...] não se reduzem a uma simples inscrição em estruturas a priori, visto que, pelo contrário, elas assentam-se sobre um processo de assimilação ativa que carrega em si mesmo conflitos, erros e reformulações que acabam tornando imprevisíveis e não-padronizáveis [...]. (LAJONQUIÈRE, 1996, p. 33).

---

<sup>2</sup> O mesmo é válido, conforme Lajonquière, para o que diz respeito aos ditos “problemas de aprendizagem”.

## 4 LÓGICA, PERCEPÇÃO E APRENDIZAGEM

Acerca de Piaget, Lajonquière (1996a) lembra que o teórico desenvolveu seus estudos e pesquisas psicológicas e epistemológicas durante anos. Já nos anos 50 havia reunido mais de 30 anos de estudo sobre o pensamento das crianças. Em sua obra de 1947, *La Psychologie de l'intelligence*, abordava uma importante síntese dos estudos psicogenéticos já realizados até então. Os estudos realizados pelos membros do CIEG – Centre International d'Epistémologie Génétique dão suporte à ideia de que todo conhecimento está ligado a uma ação, e, assim, concluiu-se que o organismo não é passivo, não pode ser treinado, mas sim, que é capaz de assimilar os estímulos podendo assim, dar uma resposta a eles.

Dessa forma, as ações foram definidas como físicas e as lógico-matemáticas, onde o indivíduo estabelece relações, classifica, seleciona, enumera, partindo de um conhecimento menor para um nível maior. Os estudos sobre as operações lógico-matemáticas acabaram por concluir que estas pouco resultam da experiência física, mas sim, de operações lógicas anteriores, assim sendo, o indivíduo relaciona informações, estabelece relações entre elas e assimila seus conceitos, fato que descartaria a tese empirista.

Ensinar é mostrar, é dar a ver e a ouvir a outro, ou seja, colocar algo ao alcance de outro. Os números e as operações ensinam-se, ou seja, alguém os coloca à mostra, ao alcance de outros. Mas a amostra não é o mundo vivo da matemática. Ela sozinha não faz série, assim como uma andorinha não faz verão. Qualquer um tanto pode ver fórmulas num livro quanto observar um matemático fazer os cálculos no quadro, mas isso por si só não o tornará matemático. As matemáticas se escrevem e o fato de escrevê-las, embora possa ser ensinado, ser mostrado, nada diz da transmissão da matemática como experiência; do que faz com que aquele ainda não iniciado no assunto passe a dar vida aos números e aos símbolos por ele vistos, assim como o primeiro o faz. (LAJONQUIÈRE, 2006, p. 12)

Sobre esse assunto, Lajonquière diz que existem vários estudos realizados, sendo que alguns deles merecem destaque:

[...] a aprendizagem no sentido restrito é uma aquisição em função das estruturas lógicas, não é redutível à experiência física: enquanto nesse último caso a experiência se dirige aos objetos mesmos [...], a experiência lógico-matemática se dirige às ações que utilizam os objetos e emprega uma abstração a partir dessas ações como tais. É essa abstração a partir da ação que favorece então a aprendizagem específica das estruturas lógicas (PIAGET; GRÉCO. 1974. p. 25-27 apud LAJONQUIÈRE, 1996a, p. 45).

Os estudos sobre a lógica e a aprendizagem levaram Piaget e seus colaboradores a afirmar que “toda aprendizagem estrutural está subordinada, em última instância, aos mecanismos do desenvolvimento espontâneo (da ordem dos conhecimentos a serem aprendidos)”. (LAJONQUIÈRE, 1996a, p.54). Mas, ficam as perguntas: como então seria possível modificar o nível estrutural dos conhecimentos a partir de um mesmo mecanismo de desenvolvimento? Será que essa descoberta seria a chave para o desenvolvimento intelectual?

Se todas essas as respostas para tais questões estivessem plenamente formuladas, certamente os profissionais da área teriam subsídio, quase que uma fórmula mágica para resolver todos os seus anseios e ditos problemas. Seria possível então programar e controlar todas as aprendizagens. Entretanto, percebe-se, mais uma vez, que há muito que se pensar a respeito do assunto e que as coisas não são tão fáceis quanto gostaríamos / supomos que sejam.

[...] O construtivismo psicogenético se encarrega, a sua maneira, de nos mostrar até que ponto essas expectativas não deixam de estar animadas por nosso voraz e indomável desejo pedagógico, que confunde qualquer possibilidade de maximizar o desenvolvi-

mento (ou seja, a auto-regulação construtiva dos conhecimentos) como a de acelerá-lo à vontade graças a sessões de aprendizagens devidamente controladas. (LAJONQUIÈRE, 1996a, p.55).

De acordo com o pensamento de Lajonquière (1996a), foram realizados na década de 1970 inúmeros estudos na intenção de especificar os processos responsáveis pelo desenvolvimento, entretanto, muitos pensaram que todo e qualquer tipo de intervenção seria válido, pois acreditaram que conseguindo avanços na intervenção pedagógica teriam a chave e a solução para todos os problemas podendo programar e controlar as aprendizagens.

A pretensão de disciplinar com naturalidade os hábitos das crianças, o fato de pensar a aprendizagem como um desdobrar inelutável e sustentar a tese da existência de capacidades psicológicas maturacionais encontram justificativa apenas na idéia [sic] da criança como um adulto em desenvolvimento. [...] (LAJONQUIÈRE, 2002, p. 92)

Os estudos genebrinos foram então, com o passar dos anos tomando novos rumos a partir das pesquisas e descobertas realizadas. Alguns foram meras repetições talvez com poucos acréscimos, entretanto, dois deles mereceriam algum destaque.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através da leitura atenta dos textos de Lajonquière constatou-se a importância de se estudar e discutir o assunto, percebendo assim a variedade e a trajetória das teorias que fundamentam os discursos sobre a aprendizagem no contexto educacional. Nota-se também que houve trabalho árduo por parte dos pesquisadores e estudiosos, e que nem sempre os resultados de suas pesquisas foram corretamente interpretados.

Ressalta-se que a partir dessas leituras, análises e posterior discussão se percebeu que, definitiva-

Conforme Lajonquière (1996a), em primeiro lugar são planejadas situações experimentais e se intervéem ativamente, em segundo lugar, passam a considerar o erro sob uma nova visão.

[...] Desde o início dos seus trabalhos Piaget pensou o erro sistemático, ou seja, o fato de que em diversas oportunidades as crianças se “equivocam” sempre do mesmo modo, como sendo um indicador da particular lógica infantil. Os primeiros estudos psicogenéticos, sobre o aspecto estrutural do desenvolvimento dos conhecimentos, isolaram os ‘erros’ infantis característicos e estabeleceram a seqüência [sic] hierárquica das etapas do desenvolvimento. Porém, como o objetivo é centrar-se na dinâmica do processo genético e construtivo, os erros passam a indicar as marchas e contramarchas às quais todo sujeito está condenado (a suportar) na sua laboriosa tentativa para conhecer mais [...]. (LAJONQUIÈRE, 1996a, p. 60).

Dessa forma, de acordo com Lajonquière (1996a), os pesquisadores passaram a isolar os erros infantis e analisá-los como sendo indicadores de um mecanismo formador de conhecimentos, um estágio transitório entre o não-saber e o saber. Desta forma, ficaria mais fácil analisar as marchas e contramarchas no caminho da construção do conhecimento, ou seja, um caminho que se percorre para atingir outros níveis do pensamento e da significação dos saberes.

mente, não encontraremos fórmulas milagrosas capazes de fazer com que filhos ou alunos aprendam e assimilem os conteúdos dentro de padrões fixos e por nós pré-estabelecidos. Além disso, percebeu-se também que não podemos de forma alguma classificar um indivíduo através de nomenclaturas que o rotulem, afirmando assim que este não seja capaz de aprender ou que não seja inteligente. Na realidade é preciso perceber a criança como um ser por inteiro, que interage com o meio e que esse mesmo meio auxilia na sua constituição como ser humano. Nesse sentido, cada um é um ser único, e que o que existe

de fato na realidade são tempos / ritmos diferenciados, singulares de aprendizagem.

Não cabe ao profissional da educação diagnosticar, classificar ou julgar uma criança, baseado em suposições que o levem a pensar que existem teorias / metodologias através das quais seja possível treinar a criança, acreditando que somente através de treinamentos incessantes é que esta irá se desenvolver.

Outro agravante é que o contexto educacional é ainda permeado por uma série de modismos pedagógicos, nos quais determinadas teorias do conhecimento e concepções de aprendizagem entram em voga (e tão rapidamente quanto são anunciadas são também substituídas) de acordo com as vontades políticas que estabelecem os programas de educação – principalmente em se tratando da educação pública. Nesse vai e vem de modismos não há tempo hábil (e nem interesses) para que o profissional da educação compreenda de

fato o que quer dizer tal proposta, e que se estudem tais teorias / concepções de forma aprofundada. Nesse contexto, adotam-se autores, concepções e metodologias sem que se conheçam suas bases teóricas, e atua-se como se fosse possível fazer educação tateando às cegas a sala de aula.

O processo de aprendizagem é muito amplo e também muito complexo, fato este comprovado pelas inúmeras pesquisas e experiências realizadas no decorrer da história e registrada pela história da educação. Nessa direção, o que podemos afirmar, a partir desse estudo que teve como base os textos de Leandro de Lajonquière, a pessoa é mesmo única, que possui capacidade de ir além de estereótipos ou pré-julgamentos, que é possível construir o conhecimento e não apenas assimilar conteúdos. Além disso, destaca-se que ainda não inventaram receita mágica para o aprendizado, e questiona-se se os ditos problemas de aprendizagem talvez não sejam de fato uma questão de aprendizagem, mas sim de ensinagem.

## REFERÊNCIAS

LAJONQUIÈRE, Leandro de. A criança, “sua” indisciplina e a psicanálise. In.: AQUINO, Julio Groppa (org.). **Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo, Summus, 1996b.

LAJONQUIÈRE, Leandro de. **Infância e ilusão (psico) pedagógica**: escritos de psicanálise e educação. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

LAJONQUIÈRE, Leandro de. **Para repensar as aprendizagens**: De Piaget a Freud. A psicopedagogia entre o conhecimento e o saber. 5.ed. Petrópolis: Vozes, 1996a.

LAJONQUIÈRE, Leandro de. A psicanálise e o mal-estar pedagógico. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 8, mai./ago. 1998, p. 92-98. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/rbe/rbedigital/RBDE08/>

RBDE08\_10\_ESPACO\_ABERTO\_-\_LEANDRO\_DE\_LAJONQUIERE.pdf>. Acesso em: 3 set 2012.

LAJONQUIÈRE, Leandro de. De como jogamos fora a crianças com a água suja de amoródio. In: Formação de Profissionais e a criança-sujeito, 2008. **Anais Eletrônicos do VII Colóquio do LEPSI – Laboratório de Estudos e Pesquisas Psicanalíticas e Educacionais sobre a Infância**. Disponível em: <[http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=MSC000000032008000100009&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt](http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC000000032008000100009&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt)>. Acesso em: 3 set 2012.

LAJONQUIÈRE, Leandro de. Editorial. **Estilos da Clínica**, São Paulo, v. 11, n. 21, dez. 2006. Disponível em: <<http://www.revistasusp.sibi.usp.br/pdf/estic/v11n21/v11n21a01.pdf>>. Acesso em: 13 set 2012.

LAJONQUIÈRE, Leandro de. Educação e infanticídio. **Educação em revista**, Belo Horizonte, v. 25, n. 1, abr. 2009, p. 165-177. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/edur/v25n1/09.pdf>>. Acesso em: 7 ago 2012.

LAJONQUIÈRE, Leandro de. Editorial. **Estilos da Clínica**, São Paulo, v. 10, n. 18, p. 10-11, jun. 2005. Disponível em: <<http://www.revistasusp.sibi.usp.br/pdf/estic/v10n18/v10n18a01.pdf>>. Acesso em: 03 set 2012.

---

Recebido em: 4 nov. 2012  
Avaliado em: 27 nov. 2012  
Aceito em: 12 dez. 2012

---

I Graduada em Letras - (FACVEST). Acadêmica do curso de Pedagogia (UNIASSELVI). E-mail: elaine.marian@gmail.com

II Graduada em Pedagogia (FURB), especialista em Psicopedagogia (UNERJ). Professora-tutora externa do curso de Licenciatura em Pedagogia do Núcleo de Educação a Distância da UNIASSELVI. E-mail: reguitak@hotmail.com

III Mestre em Educação (FURB). Professora supervisora de disciplinas da Licenciatura em Pedagogia do Núcleo de Educação a Distância da UNIASSELVI. E-mail: mel.probst@gmail.com